

11  
ANTERTRE  
1927



ILUSTRACÃO  
ROBERTO GOMES

# ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «1º SÉCULO»

DIRECTOR — J. J. da Silva Graça  
PROPRIEDADE DA Sociedade Nacional de Tipografia  
EDITOR — Antonio Maria Lopes

NUMERO AVULSO. 50 cts.

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha:  
Trimestre 6\$50. — Semestre 13\$00. — Ano 26\$00  
COLONIAS PORTUGUESAS: Semestre 14\$00. — Ano 28\$00  
ESTRANGEIRO: Semestre 17\$00. — Ano 34\$00.

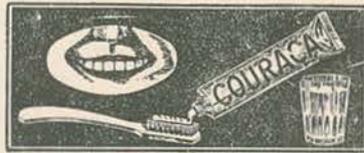
Redação, administração e oficinas: — Rua do Seque, 43, LISBOA

**M**aquinas e Acessorios Para as **INDUSTRIAS** e **AGRICULTURA**  
Fedir preços, orçamentos a  
**C. STFFANINA** — 39, R. Corpo Santo, 41

**Crown Ribbon and Carbon Mtg. Co.**

Machinas de escrever,  
accessorios e officinas de reparações  
Preços resumidissimos

Vende **J. Anão & C.ª L.ª**  
R. Nova do Almada, 6. 2.ª  
Telefone 2526 LISBOA



Pasta dentifrica  
**COURAÇA**  
M. B. B. Teixeira  
230, RUA DE S. BENTO, 236  
TELEFONE 1364 — Central  
LISBOA

## PHONOLAS — PIANOS TRIPHONOLAS

(DA CELEBRE CASA LUDWIG HUPFELD, DE LEIPZIG)

Os auto-pianos da grande marca **PHONOLA**, conhecidos ha muitos anos no nosso paiz como os mais aperfeiçoados e duradouros, só são incorporados em pianos **ALEMÃES** de **PRIMEIRA CATEGORIA**.

A **TRIPHONOLA**, que pode ser acionada por pedaes ou eletricamente, representa a congregação de todos os aperfeiçoamentos conhecidos, e é um instrumento de

**ABSOLUTA PERFEIÇÃO ARTISTICA**

REPRESENTANTE GERAL EM PORTUGAL:

**VALENTIM DE CARVALHO**

**Rua d'Assumpção, 39**

LISBOA

TELEFONE CENTRAL 4282

# ILUSTRACÃO PORTUGUEZA



## Laura Tagide Tavares

DISTINTA CANTORA PORTUGUESA QUE ESTÁ FAZENDO UMA «TOURNÉE» TRIUNFAL PELAS PRINCIPAIS SCENAS LIRICAS DE ITALIA

# CRONICA DA SEMANA

**Q**UERO hoje dizer-vos que na minha curta existencia — ó poder da fantasia! parece-me que nasci ontem! — já quatro Santidades poisaram no espinhoso sôllo pontificio, Pio IX, Leão XIII, Pio X, e Bento XV, e, a confirmarem-se teimosos boatos dignos de crédito, conhecerei ainda quinto papa.

Varões de sólido saber e lúcidas vistas teem sido aquêles e muitos dos seus antecessores, os mais aptos para as necessidades politicas de occasião, do que é prova universalmente reconhecida, a sua acertada e proficua acção sôbre católicos e não católicos; e assim, quem, cego por excesso de luz, e de sentidos perturbados, não aceite a intervenção da divina Pomba, por demente será tido se não se convencer de que outro prodigio, ou factor fora do comum, preside ás eleições papais. Fora do comum, sem dúvida, mas bem humano; é que os membros do sacro colégio não são, como em eleições de pouco mais ou menos, pessoas de vulgar exteriorisação material — vestidas de cheviote, digamos — e de apoucado espirito, que apenas saibam ler e escrever; ao feminil encanto das sedas e das púrpuras do Conclave, juntam-se a alta e sólida cultura, a longa e arqueira experiencia dos eleitores. De aí, a resultante perfeição, a resultante limpíssima, depurada dos mínimos grãos de impureza; estão em presença forças concorrentes formidaveis, e não das que, por contrárias ou de direcções opostas, posam anular-se e determinar o disparate em conjunto, quando os elementos, separadamente, sejam a siseudez máxima — e ver-se-ha que o novo papa será aquêlle que mais convem nas melindrosas circumstancias actuais, para complemento da missão de paz, quasi levada a cabo por Bento XV, e para início e consolidação de outra, tão espantosa que a sua realisação abalará o mundo.

Ao alto do Sinai forçoso será que se arraste o futuro eleito e ali, invocando o Deus de Moisés, com seus clamores, que são os de milhões de desesperados, pedirá a alteração das Taboas da Lei, porque ou os preceitos do Decálogo foram escritos para uma raça de homens que se extinguiu, se elles a cumpriram, ou então a felicidade não advem de se amar a Deus sôbre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos. Não saberia indicar a alteração, porque pertenço á horda dos raivosos, e a raiva ofusca o raciocinio, mas sinto que não nos apontará a terra de Canaan aquêlle que não obtiver para os famintos de ideal outros estatutos que não os bíblicos; elles virão e oxalá que a conferencia no sagrado oiteiro não seja prolongada, pois se o profeta hebreu logrou encontrar em seguida o seu povo, embora adorando o bezerro de ouro e praticando outras indecencias, desta vez o portador das Taboas despedaçá-las-ia com muito mais forte razão: não veria ninguem no sopé, porque os homens encontrariam meio de poderem devorar-se uns aos outros...

ACACIO DE PAIVA

CAPA.—Composição de Telles Machado

**FIALHO DE ALMEIDA**, *tombeur* de peças, fez cair, uma noite, certo drama hilariante, da seguinte forma: um dos actos da peça passava-se durante uma festa em casa de um titular. Um criado grave ia annunciando os convidados. Em certa altura annunciou:

— O senhor general...

— A's armas! — gritou Fialho de Almeida, erguendo-se da plateia.

Como é de calcular, com este aparato militar, a peça ficou inteiramente derrotada.

**O** vencedor do primeiro premio do Concurso dos Cartazes, para a Exposição do Rio de Janeiro, é um artista do Porto, irreverente e moderno. Tendo-lhe sorrido a ideia do premio de quinhentos escudos, participou aos amigos que ia fazer a sua peor obra para ter a certeza de sair vencedor. Dito e feito. Em meia duzia de horas traçou um cartaz Genero-Juri, com todos os requisitos, com as figuras simbolicas do costume. Não se esqueceu claro está, de pedir desculpa aos amigos e aos admiradores pelo crime de Lesa-Arte. E é esta a curta historia do cartaz vencedor, é desta forma que a representação de Portugal no Brasi. vae ser annunciada...

**COMEÇA** a colaborar na *Ilustração Portuguesa*, no seu proximo numero, o escritor André Brun, um dos nossos melhores escritores humoristas, o feliz adaptador do *Juiz de Fora* e o original contista do *Sem pés nem cabeça*...

**JOÃO AMEAL**, um dos principes da cronica em Portugal, individualidade marcadora de prosador moderno, acaba de publicar a sua novela, *Os olhos cinzentos*. João Ameal, que já é um nome no jornalismo, afirma-se um novelista curiosissimo, audacioso e forte. João Ameal, que a este *magazine* tem dado o brilho invulgar da sua cultura e do seu talento, vai tomar conta da critica literaria da *Ilustração Portuguesa* durante uma curta ausencia de Americo Durão.

**A** capa do ultimo numero da *Ilustração Portuguesa* é da illustre pintora Mily Possoz, uma belga que honra muito a Arte moderna em Portugal.

**N**AS escadinhas de Santa Justa. Na vitrine do alfarrabista que se instalou á sombra do elevador, a ver se sobe, exibem-se varios exemplares duma obra ultimamente publicada. Dois amigos param. Um deles estranha a rapida velhice do tal livreco... O outro, Afonso de Bragança, se não nos enganamos, explica:

— Este livreco pertence ao numero daqueles que são editados por alfarrabistas.

# A IDADE DA DANÇA

FOI assim que Sem chamou à nossa idade, a idade da Dança. Ha quem lhe chame a Idade do Cinema, como ha quem lhe chame a Idade da Guerra. Entretanto, Sem é quem parece ter mais razão. Idade do Cinema, Idade da Guerra, Idade da Côr, Idade da Electricidade, — tudo cabe na Idade da Dança. Tudo, na hora que passa, obedece ao movimento, ao ritmo do corpo. A grande musica é a musica das fórmas. Corpo e alma viveram, durante seculos, associados. A Dança pôs a alma sôbre o corpo, a seguir-lhe os contornos. Ha quem afirme que a Dança entrou num periodo de decadencia, ha quem afirme que o «fox-trot», o tango, o «Shimmy», são o canto do Cisne da grande Arte. Não deve ser assim. Ao principio, na dança, o corpo estava sujeito à nossa vontade, eramos

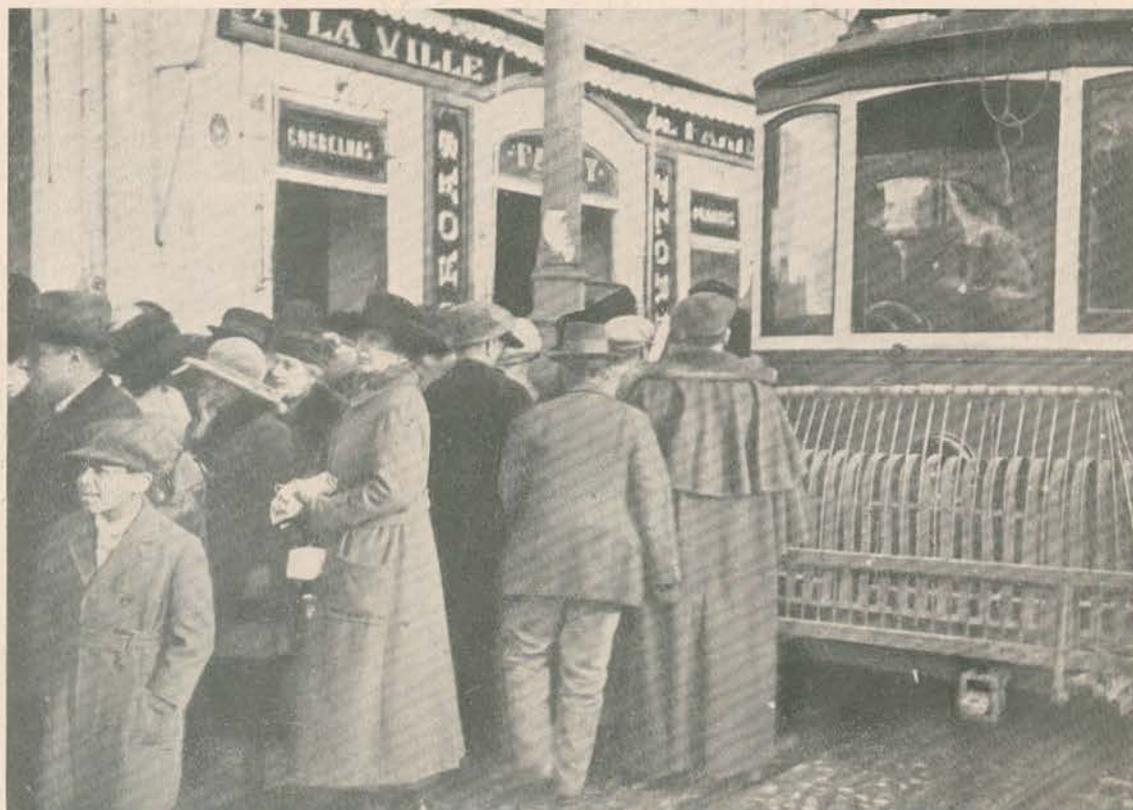
nós que o comandavamos, que o obrigavamos a ir para ali ou para acolá. Nas danças modernas, o corpo re-adquire os seus direitos, o corpo é firme, senhor dos seus movimentos.

Essa nova tendencia, na dança, é indicio para muitos de anarquia, de bolchevismo ritmico. Bem ao contrario.

Nos bailados modernos, o Corpo é rei, um rei altivo que não admite coacções. Por sua vez a Alma é rainha, a rainha adulada. Os apontamentos que hoje damos, colhidos numa publicação alemã, são bem esta hora-trigana, esta hora febril, endoidecida. Portugal é um dos países que mais dança. A' semelhança do que se fez, ultimamente, em França, tornava-se avido a organização dum grande Campeonato de Dança Moderna.



# DEPOIS DA GREVE DOS ELETRICOS



*O diminuto numero de carros em circulação torna as viagens difíceis*



*A bicha dos electricos*

# TEATRO CHIADO TERRASSE

O JUIZ DE FÓRA

ADAPTAÇÃO LIBERRIMA

DE ANDRÉ BRUN



**A**NDRÉ Brun desencantou o Chiado Terrasse, ensinou ao publico o caminho para o simpatico Teatro. Tem havido uma certa injustiça para o grupo de artistas que trabalha naquela casa. Em todas as peças o desejo de acertar é manifesto. A interpretação do «Juiz de Fóra», como conjunto, é excelente. A infelicidade da companhia do Terrasse tem sido a escolha do repertorio, um repertorio empoeirado, monotono, desactualizado... A adaptação de André Brun adaptou, finalmente, o Terrasse ao publico. Não pretendeu André Brun, com o seu esgotado «Juiz de Fóra», revolucionar o teatro português, crear uma individualidade de dramaturgo. Para isso teria feito obra original, como de resto já tem feito. «A Visinha do Lado» é uma farça-modelo. Pena é que o seu auctor a não tenha publicado. André Brun pretendeu, apenas, com o «Juiz de Fóra», um exito de gargalhada, de gargalhada franca, saudavel, irresistível. Esse exito conseguiu-o em absoluto. O «Juiz de Fóra» é aquela peça para onde se vai resolvido a rir muito, para onde se vai como para uma festa, para uma festa popular. Eu tenho pena, no entanto, que André Brun se disperse em adaptações, em revistas, em artigos de jornaes, e não nos dê aquele teatro que o seu incontestavel talento de humorista, nos faz esperar. Poucos, como André Brun, tem qualidades para dar uma expressão teatral á graça portuguesa.

E' certo que o «Juiz de Fóra» é uma adaptação tão livre que é quasi um original de André Brun. Do original francês deve ter ficado, apenas, um esqueleto. Entretanto, André Brun tem muito que fazer se quizer dar forma e relevo a todos os ridiculos da Época. Não lhe sobrá tempo para adaptações.

A interpretação de «Juiz de Fóra» tem, entre outras vantagens, a de indicar á companhia do Terrasse o genero que deve explorar. Alguns artistas que noutras peças me tinham desagradado, satisfizeram-me por completo, no «Juiz de Fóra»... Luz Veloso, um pouco seca, expressa, angulosa nos gestos, é, no entanto, uma actriz com admiraveis recursos e eu não pertenço ao numero daqueles que estranham ver o seu nome á frente duma companhia.

E' uma actriz correcta, talentosa, com quem muito tem a aprender os artistas da sua modesta companhia. No «Juiz de Fóra», Luz Veloso tem scenas perfeitas como tem outras que pecam por demasiado desabridas. O defeito de Luz Veloso, nesta peça, é fazer drama numa peça alegre. Teodoro Santos, um excelente actor, que costuma ter o defeito da solenidade, consegue adaptar-se, com rara habilidade, ao seu papel de farça. Tem scenas onde se não pôde ir melhor.

Salvador Costa, bastante galã do club Estefania, mas bastante equilibrado na interpretação que quiz dar ao seu papel. Jaime Zenoglio, admiravel no *compère* da farça. O actor que faz de ceceoso—sinceramente ceceoso. Rafael Gomes caricaturou demasiado o seu personagem, mas foi bem sucedido na caricatura. Maria Clementina, com a sua linda figura, não pôde deixar de fazer uma linda figura... Ha uma criada muito bem caracterizada, ha duas Mimis, uma delas com cabelos brancos, ha um homem que se esquece de tudo e de cujo nome me esqueci, e ha, acima de tudo, o André Brun, o prodigioso Saltimbanco daquelas *marionettes*, o «Juiz de Fóra» daquela causa do Chiado Terrasse, uma causa que parecia perdida...

ANTONIO FERRO.

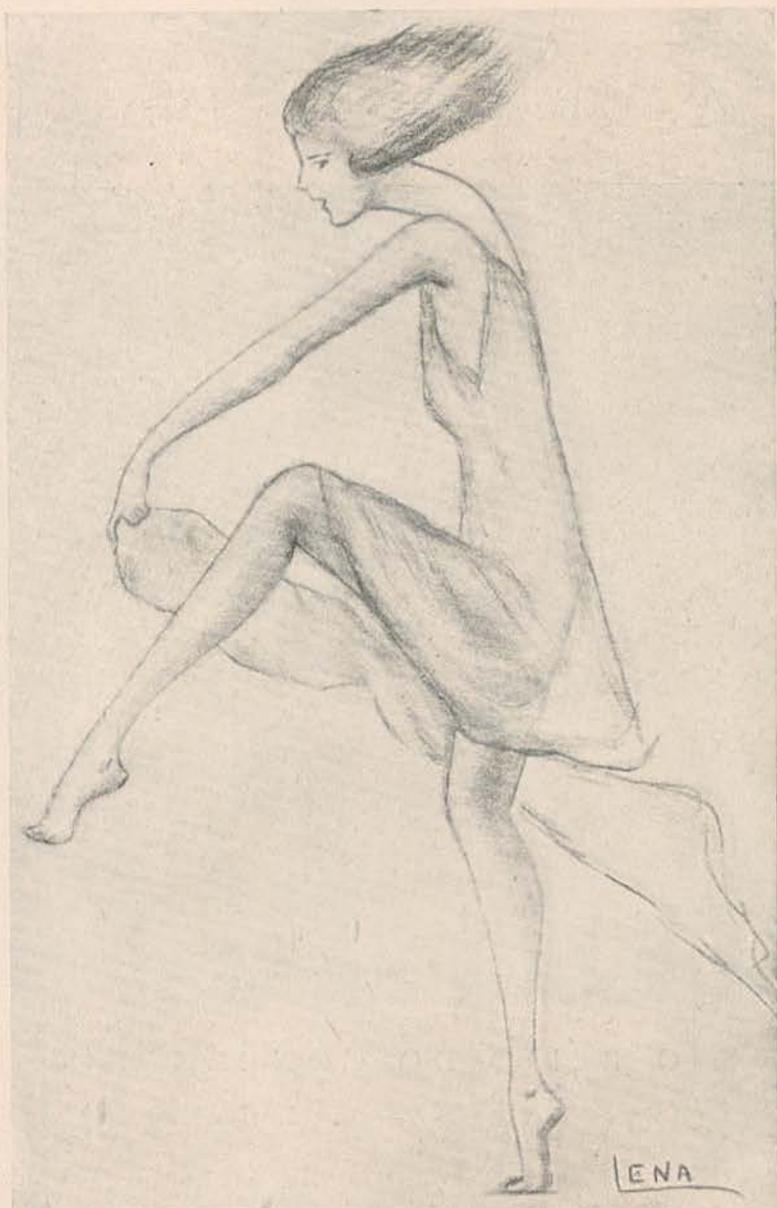
# ORFEON CLUB PORTUGUÊS DO RIO DE JANEIRO



*O orfeon no «Club Português», no palco do «Teatro Lírico», por ocasião do concerto realizado em 11 de Novembro de 1921*



*Um aspecto da assistencia*



L ENA É UMA ARTISTA DE 13 ANOS QUE REVELA NOS SEUS PRIMEIROS DESENHOS ADMIRÁVEIS QUALIDADES DE MOVIMENTO E DE RITMO. LENA TEM, ACIMA DE TUDO, UMA GRANDE PAIXÃO PELA SUA ARTE. ÀS SUAS MELHORES BONECAS, AQUELAS QUE MAIS ESTIMA, ENCONTRA-AS NO PAPEL, SÃO DESENHADAS POR ELA. ESSA BAILARINA, INOCENTE E INGENUA, ENCANTA, SOBRETUDO, PELA FRESCURA. DIR-SE-IA UMA DISCÍPULA DE ISADORA NOS PRIMEIROS PASSOS. QUEM DESENHA ASSIM, AOS TREZE ANOS, NÃO DEVE DEIXAR DE TRABALHAR.

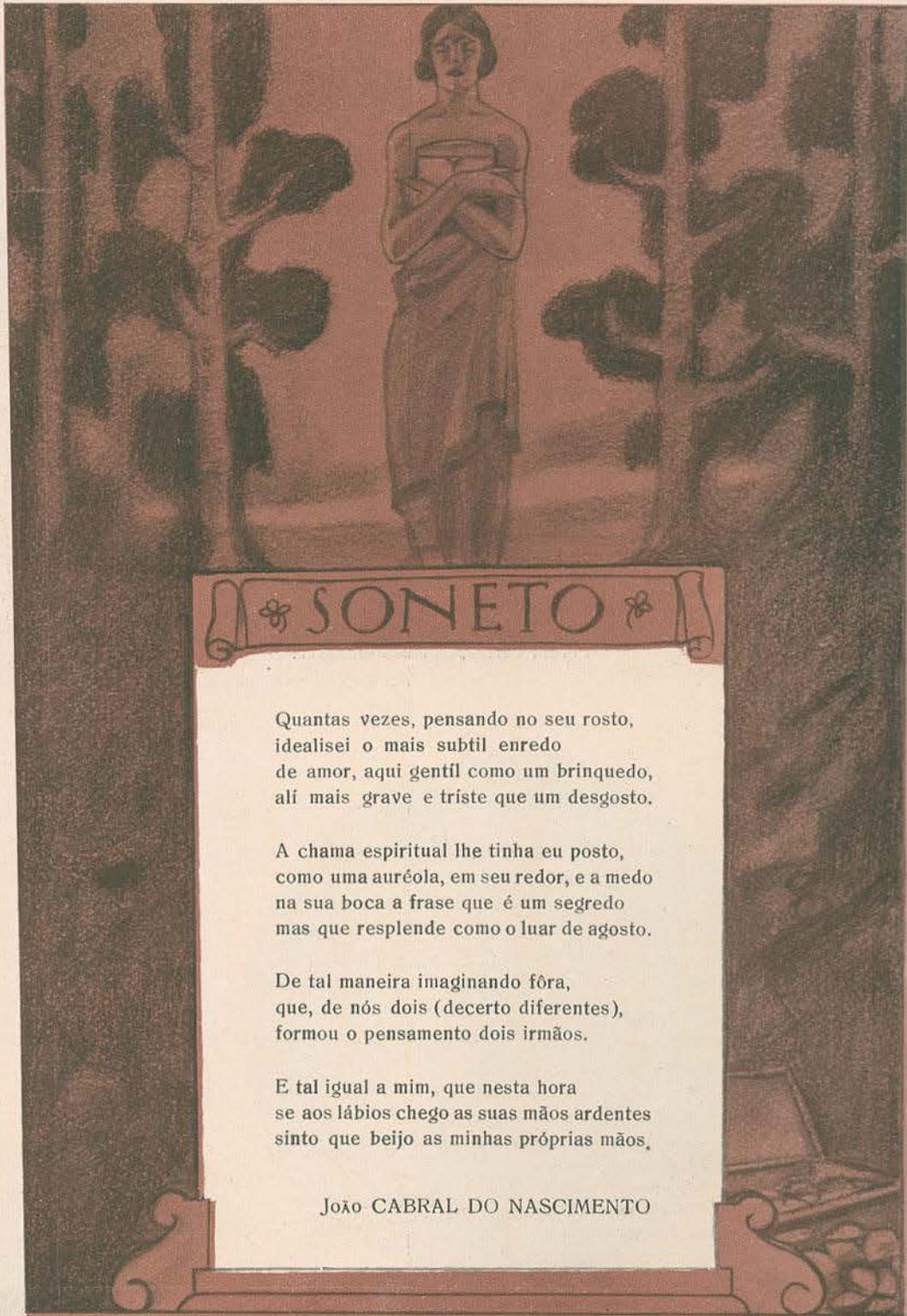
# OS CARTAZES DA HORA



## O BEIJO DO CONDENADO

**F**OI condenado no tribunal de defesa social, condenado por qualquer atentado bombista, por um sinistro apêgo, a qualquer ideal mal digerido... À saída do tribunal que o condenou, na sua alma em treva desponta o sol, um sol cruel que foi bem depressa um sol poente; nos braços da mãe o filho do condenado ri, muito longe da tragédia que

se lhe prepara, feliz e tranquilo na sua vida em flôr. A mãe, companheira de sempre, sente-se forte sem lágrimas, dá-lhe o filho para beijar, põe-lho nos lábios, como uma hostia... O condenado beija-o como quem beija o sol, como quem beija a vida, por um rápido balanço das suas culpas e, ao regressar daquele beijo santo, sente-se absolvido...



Quantas vezes, pensando no seu rosto,  
idealisei o mais subtil enredo  
de amor, aqui gentil como um brinquedo,  
alí mais grave e triste que um desgosto.

A chama espiritual lhe tinha eu posto,  
como uma auréola, em seu redor, e a medo  
na sua boca a frase que é um segredo  
mas que resplende como o luar de agosto.

De tal maneira imaginando fôra,  
que, de nós dois (decerto diferentes),  
formou o pensamento dois irmãos.

E tal igual a mim, que nesta hora  
se aos lábios chego as suas mãos ardentes  
sinto que beijo as minhas próprias mãos.

João CABRAL DO NASCIMENTO

# ELEGIA DAS SAIAS CURTAS

A saia curta, curtinha, curtíssima, — vai desaparecer. A Moda — essa velha tia neurastênica — decretou-o.

A saia curta, nestes últimos meses, — deixou muito corpo — cresceu muito, está uma mulher... No tempo delas, sucedia o contrario: as mulheres estavam umas garotas.

A saia curta parece que não foi uma resolução de elegância; foi uma medida de economia. Foi a guerra. E o certo é que as mulheres pareciam todas umas vivandeiras... Voltou a Paz. E as costureiras resolveram declarar também a paz — aos homens.

A saia curta por si, era pouco, pouquíssimo. Como pano, uns palmos; como saia, — uma sofisma.

Mas a saia curta foi a mãe das meias de sêda. Se a meia de sêda é antiga como o requinte feminino, a meia de sêda toda-a-gente, a meia de sêda constante, imprescindível, banal, nasceu da saia curta.

Na verdade foi soberba apoteose. Nunca uma perna de mulher — subiu tão alto. Foi o seu aliado, o seu directorio, a sua convenção, o seu imperio. Chegou *Santa Helena*. As pernas vão ser desterradas.

Foram curtas, as saias curtas...

A perna de sêda — chamemos-lhe assim — encheu toda uma época e fez toda uma literatura.

Foi a idade da *perna de sêda*. Foi um deslumbramento. A mulher que desnudava o colo, que exhibia as côres, a mulher que mostrava os braços, nunca deixava ver as pernas, ingenuamente. A mulher não queria que se visse para onde ia...

VEIU a saia curta. Nasceu a meia de sêda.

# ELOGIO DAS MEIAS DE SÊDA

E a mulher passou a ser a sua perna. A perna, na mulher, passou a desempenhar um papel tão importante como os olhos. Ganhou carácter, expressão, *nuanças*.

HOUVE um momento em que a mulher era só pernas e olhos. As mulheres eram só vestido. O proprio corpo, uma simples roupa de baixo. Os *cloche* taparam-lhe a testa e cortaram-lhe as sobranceiras; os *manteaux* embrulhavam-nas todas; o gorro de veludo, erguido em gola, marinhas-lhe até ao mento, descia-lhe, feito punho, até à ponta dos dedos.

As mulheres andavam vestidas — até aos olhos.

Para uma curiosidade e para uma psicologia ficaram só as pernas, pintadas de sêda, autonomas, impávidas, *sans peur et sans reproche*... Era por elas que se reconstruía um corpo e deduzia uma mulher.

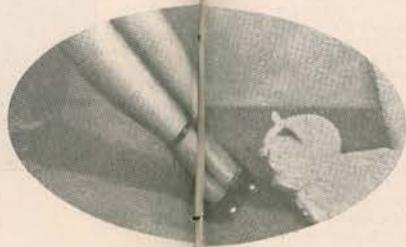
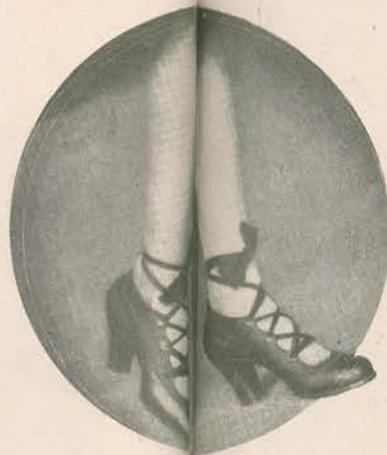
FUI a perna à vela quem vulgarizou a meia de sêda. Travestiu-se de mil maneiras, Compôs mil efeitos.

Foi a meia de sêda que adelgaçou a perna da lisboeta até ao inverosímil. Aquela malha tenuíssima — era uma tórno. A mulher, sob a sua pressão, chegou à máxima fragilidade de canelas. Chegou a usar, como os saltos, canelas à Luis xv.

De *tête-de-nègre*; de *gris-perle* ou de negro, conforme a peça, conforme o publico, as pernas, como duas *marionettes* mudas e eloquentes, representavam, à boca de scena, debruçadas para o publico, comédias, dramas, espectáculos intimos.

Acabaram as saias curtas. Acabou o espectáculo. Sobre os dois *marionettes*, mudos e eloquentes, — vai cair o pano...

AFONSO DE BRAGANÇA





Alfredo Pimenta no seu gabinete de trabalho

# A ENTREVISTA DA SEMANA

## ALFREDO PIMENTA

**A**LFREDO Pimenta — um escritor de *élites*, um homem que a turba detesta, porque detesta sempre os que pairam acima do nível banal — ainda não está bem conhecido, na sua personalidade e no seu espírito. Como todos os artistas para quem o publico é um vozear d'anonimos e para quem a Beleza é o Idolo unico, exclusivo — Alfredo Pimenta é deformado, habitualmente, nos comentarios pálios e rasteiros dos mediocres. Era preciso, portanto, revelá-lo, desenhá-lo perante os outros — para que eles fiquem conhecendo, lucidamente, a individualidade excepcional que a sua cegueira ignora e hostilisa.

Alfredo Pimenta, nos seus livros, tem-nos revelado duas atitudes nitidas da sua inteligencia; a atitude vigorosa e incisiva do politico, politico-filósofo, que analisa factos e fôca problemas com uma visão culta, sóbria, precisa, flagrante; a atitude estilisadora e requintada do artista, enfeitado de ritmos e de vãos, tornando a sua prosa e os seus versos magnificos e enjoalhados como troféus. Muitos combatem, em Alfredo Pimenta, essa dualidade. Julgam-no artificial, no seu aspecto heraldico d'esteta. Essa impressão só revela, nos que a tem, uma desoladora miopia mental. Eles não compreendem que Alfredo Pimenta possui, ao lado do seu espirito positivista, que diseca, observa, comenta, ergue doutrinas, constrôe teoremas, condena utopias e aponta os caminhos lógicos — a sua sensibilidade vibratil, que se embala e se lança para os ambientes scenograficos e lumino-

sos, onde pulsam as claridades astrais da Forma, da Melodia e do Exilio.

Outra acusação com que procuram deprimir a obra de Alfredo Pimenta — é a acusação de que ela é toda inconsistente e inutil, e de que a sua aparencia preciosa e exigente não passa dum abuso de bisantinismos e de poses estereis. Aí está outro argumento dum absoluta má fé, intoleravel. Só não compreende e não admira as belas paginas musicais de Alfredo Pimenta — quem não saiba sentir a sinfonia admiravel das palavras em bailado, das imagens em oração, das bizarrrias da *kermesse*. Alfredo Pimenta não é um simples acumulador de frases dificeis e de decorações estranhas. Ele sabe dar a essas frases e a essas decorações, uma alma eleita que as superiorisa e as destaca, salvando-as do aspecto falso da frieza sumptuosa. O seu requinte, não é um requinte de fachada — é um requinte que se sente, dentro da sua Arte, como uma lampada votiva dentro dum templo.

Quando cheguei a casa de Alfredo Pimenta — o escritor traçava as primeiras linhas dum artigo de fundo politico. A' volta, na sua biblioteca extensa, as lombadas hirtas dos volumes desenhavam uma moldura ao seu vulto curioso de intelectual. Alfredo Pimenta — com a sua cabeleira em onda, o seu monoculo fusilante, a sua *toilette* muito pessoal — acolheme, numa gentileza sensibilisante de camarada. A principio a conversa, é, fatalmente, esparsa — sobre alguns sucessos e algumas impressões de momento.

Depois, corrida uma meia hora, sinto que devo entrar na entrevista... E começo sempre por me esquecer que sou o entrevistador. Prefiro trocar palavras, conceitos, ideias—numa absoluta despreocupação indolente. Por fim, resolvo tomar a sério o meu papel, resolvo passar solenemente a um interrogatório o menos solene possível:

—As suas preferências, entre os escritores de Portugal?

Tenho notado que é através das suas preferências, que melhor se prescrua um temperamento, «Diz-me quem lês — e dir-te-hei o que vales»...

Alfredo Pimenta, reflete, enumera:

—Daqueles que tem o nome já feito, dos novos... Eu posso dizer-lhe, assim, um pouco a êsimo, um pouco indisciplinadamente. Ha um poeta, por quem tenho um culto, que ponho acima de todos: Eugenio de Castro. Ha um prosador que me interessa e me encanta: Antero de Figueiredo. E, depois, ha varios: Lopes Vieira, especialmente no *Naufrago* e no *Para quê?*; Correia de Oliveira, um grande lirico; Trindade Coelho; jornalistas excepcionais, como Anibal Soares e Joaquim Manso, dois artistas que o jornalismo tem absorvido, absorvido de mais... Dos novos...

Alfredo Pimenta tem, então, algumas delicadas referencias ao meu nome, aos meus livros, especialmente aos *Olhos cinzentos*. Depois, continua:

—... O Antonio Ferro interessa-me muito; o Americo Durão é um poeta curioso e marcante, especialmente no *Vitral da minha Dor*; Luis Vieira de Castro é um prosador que revelou qualidades invulgares. Ah! E é preciso não esquecer, entre as minhas preferencias, uma senhora por quem tenho um apreço especial: Veva de Lima... Outro nome que saliento: Virginia Vitorino...

Acabada a série dos seus preferidos, é facil tirar a dedução: tendencia para os requeitados, para os que procuram fazer da literatura uma eterna Aleluia inovadora e uma fulgurante estrada de comoções esbeltas...

A proposito do nosso meio literario, Alfredo Pimenta tem esta afirmação:

—Em Portugal, ha um elemento que prejudica os escritores: as côrtes que á volta deles se formam. Mal aparece um livro notavel de uma pessoa, logo procuram cercar essa pessoa de lisonjas exageradas: o maior inimigo de um artista é o circulo de imbecis que o rodeia...

—Justamente, é um mal que o não atinge. Tem sido sempre um Isolado, embora um Isolado que as *élites* aplaudem e que a multidão ataca...

—A multidão, para mim, não conta. Tenho, por ela, a mais completa indiferença. Nem chega a ser odio, nem desdém: indiferença. O que eu quero decididamente, é que antes me agridam com delicadesa do que me louvem com grosseria...

Mais uma linha saliente do perfil literario de Alfredo Pimenta: o culto das belas atitudes e das elegancias inquebrantaveis...

—E as suas preferencias entre a sua propria obra, em Arte?

Alfredo Pimenta declara, sentenciá:

—Para mim a minha obra de artista principia com a *Torre da Ilusão*. O que fica para traz, repudio-o. A partir da *Torre da Ilusão* gosto sempre mais de cada livro que estou fazendo. Só concêbo a criação de novas obras como uma ascensão incançavel. No dia em que me convencer que o que escrevo hoje não é, pelo menos, tão bom como tudo o que fiz até agora, páro, termino, abdicoo...

—Esta sentença continua a definir a psicologia: um orgulho de si mesmo que lhe não consente um retrocesso, um passo em falso, um declive...

—Os seus pintores?

—O meu pintor é Luis de Ortigão Burnay. Mas ha um desenhista que admiro, nos seus *pierrots*: Alameda Negreiros...

—E estrangeiros?

—Ah! Estrangeiros, alguns. Em França, Puvis de Chavannes, Moreau. Em Inglaterra os pré-rafaelitas; em Espanha, acima de todos o Greco—Zuloaga, tambem, mas o Greco acima de todos...

E Alfredo Pimenta mostra-nos um trecho de um quadro de greco que está na parede, um trecho que é uma cabeça lirial de pagem loiro, num scenario heraldico de pompas...

—Tambem, na America, Whistler, James Whistler, o pintor em cinza e prata...

Já que falámos de estrangeiros, queremos saber aqueles que Alfredo Pimenta marcou, para o seu convívio. E o Poeta diz-nos:

Baudelaire, o primeiro; Verlaine, o renovador musical, Mallarmé; Lorrain; o Farrère dos *Civiltizados*; um americano desconhecido entre nós e que tem coisas originalissimas e encantadoras: Arnaldo Armando Vasseur...

E passamos á outra sala, a sala dos artistas — que até aqui temos estado a conversar na sala dos livros pesados, filosofia, politica, historia. Alfredo Pimenta lê alguns trechos de Arnaldo Vasseur, onde ha uma grande renovação melódica e um bater de azas cosmopolita:

—A Arte, para si, deve ser cosmopolita...

—Absolutamente. A Arte não deve ter barreiras, fronteiras. Deve ser espaço, amplitude, infinito. Onde haja Ritmo, na Arte—seja como fôr e venha de onde venha...

E Alfredo Pimenta prosegue a enumeração dos familiares do seu espirito:

—Vargas Vila, Rubén Dario, Valle-Inclan, Villalpessa; Swinburnee, Wilde, é claro... Depois deles ambos, nunca houve em Inglaterra melhor verso nem melhor prosa...

E repara num esquecimento:

—Não lhe citei, entre os franceses, Regnier, nos versos, não na prosa. E as escritoras: a Noailles, essa na prosa e não nos versos, assim como a Delarue-Mardrus; Renée Vivien, Gérard d'Houville...

—E no teatro?

—No teatro, Bataille, em França; Maeterlinck, na Belgica; em Italia, d'Annunzio, no teatro e em tudo, como uma aguia regia. Em Inglaterra, Shaw á falta de melhor... Sabe? Eu não gosto do teatro: só admiro o teatro onde haja o menos teatro possível...

—E na musica?

—Debussy, Ravel, um magnifico compositor russo: Prokofieff...

—Já reparei que, quando me falou de pintores, não citou italianos...

—E' que os aprecio menos. A Italia interessa-me, como scenografia. Mas tenho a impressão que, tendo-a sonhado, se lá fôr, sinto uma decepção. Não ha nada que não seja mais belo imaginado do que vivido...

—A sua Arte, em resumo, é isso: imaginação, enlêvo, alheamento... Acusam-no mesmo dessa falta de vida...

—Mas, meu amigo, a Vida não tem nada com a Arte. Samain pode ser empregado em Paris — e fazer o *Jardim da Infancia*. Eu posso fazer o *Livro das Chimeras*, sendo um servo da gleba do jornalismo politico...

—Sendo assim, a sua Vida é que é a mentira, a sua Arte é que é a verdade...

—A minha Arte é que é a minha atmosfera, a minha aspiração. Por isso, quando saio dela para viver — é que sou artificial...

—Isso, permite-lhe isolar-se na sua Arte, quando quere...

—Justamente. Eu entro na minha arte e esqueço-me da realidade. Por vezes, entre preocupações e sofrimentos morais — escrevo um poema. Durante a monarquia do Porto, um momento de emoção e de tragedia, esqueci-me, exitei-me — e fiz a *Sinfonia das Joias*. Escrevo entre o ruído de um *music-hall*, no turbilhão das ruas, seja onde fôr em qualquer hora, na

hora da minha Arte. E ela protege-me e aureola-me, como uma redôma...

E Alfredo Pimenta revela-nos uma singularidade:

— O que não posso é escrever os meus versos e a minha prosa de Arte no mesmo papel em que lanço as minhas opiniões de jornalista... Nem a letra é a mesma.

E Alfredo Pimenta mostra-me originaes seus a atestá-lo — uns numa letra miuda, rápida, lisa — outros, numa letra arabesco, hieratica, lanceolada... No seu gesto, descortinamos o seu anel, um anel com uma grande pedra verde-esfingica:

— E' um crisoprasio. E' a pedra que prefiro, com a opala e com a esmeralda...

Passa o tempo. Faz-se tarde. Tomamos chá. Uma interrogação:

— Que livros tem em preparo?

— Agora, entre mãos, tenho dois. Um de versos, o *Livro das minhas horas*, onde procuro, suggestionado

— Alguns poemas dispersos, sem titulo ainda. E — sabe? — se eu pudesse, se tivesse descanço, escreveria o meu livro de filosofia, o livro que tenho em sonhos na Ideia. Chamar-se-hia o meu sistema — o «relativismo integral»...

Seis da tarde. Como o Artista prefere as claridades veladas, a luz torna-se cinzenta, cinzenta-penumbra, á nossa volta. Alfredo Pimenta acende um dos seus candelabros — os candelabros que ele cantou, entre as paginas da «Alma Ajelhada»...

Os meus olhos encontram de novo sobre a mesa, a chama trémula das velas o seu artigo de fundo. E lembro-me que tenho em frente de mim, tambem, o politico reaccionario.

— Em Arte, vejo que é pela liberdade maxima. Em politica, não...

— Em politica, o contrario. Sou o mais conservador possivel. Sou um comtista, admiro o *Renan da Réforme Intellectuelle*. O Taine das *Origines*. De resto



Alfredo Pimenta entrevistado pela «Ilustração Portuguesa»

(Clichés Garcez)

pelo processo dos cancioneros, alguns ritmos inéditos e suaves...

O Poeta lê-me então os primeiros poemas desse livro. São de uma cadencia musical e simples, cheios de uma gracilidade estilizada de filigranas.

— O outro livro, é de prosa, de prosa ritmada — repare bem, ritmada. Nem é a prosa ritmada de Vargas Villa, nem o verso-prosa de Claudel. E' qualquer coisa de diferente, onde eu procuro uma novidade, uma conquista metódica...

E ouço então alguns admiraveis periodos, onde passam imagens em procissão sensual e onde vibra uma ansiedade magnifica, em relampagos. Quanto a mim, os *Poemas em Prosa* de Alfredo Pimenta marcarão uma amplitude entre a literatura actual. Eles teem, como já disse, não um requinte que é apenas uma apparencia — mas um requinte que é, fulgurantemente uma alma.

— Nada mais tem para escrever?

isso que teu? A politica é, infelizmente, a vida. E eu não lhe disse que a Arte não tem nada com a vida?

E Alfredo Pimenta conclue:

— Julgo que marchamos, em Arte, para a queda das fronteiras; em Politica, para os nacionalismos mais estreitos.

— Paradoxal...

— Nada paradoxal. De resto, eu cheguei a esta convicção por evoluções mentais. Tenho um passado politico que não renego como o artistico. Tomo a responsabilidade inteira desse passado. Como, de resto, tudo quanto faço e quanto escrevo...

Agora, positivamente, já não é a tarde que esmorece — é a noite que chega, na espuma negra das sombras.

Cá fora, entre o tilintar dos electricos, e o tintamarresco labirinto das ruas — vou mais forte, mais alheiado, mais sobranceiro. Que me importa a vida — se, realmente, a vida não tem nada com a Arte?

# O ELOGIO DAS HORAS

1

...o no se ha contado la primera o la ultima ha sido un eco de la que hemos tenido por penultima o hemos contar por dos veces una intermedia...

GOMEZ DE LA SERNA

A meia-noite é uma cavalgada de Horas... Passam garbosas, bélicas, metálicas, umas após outras, tocando-se, empurrando-se, na ansia da chegada... Como em certas peças de grande espectáculo, mal que a última das doze horas se extingue na distancia do mostrador, já a primeira vem assomar na lanca erguida dos ponteiros... E voltam a passar todas, ruidosas, teatrais, dándonos a ilusão de que são mais do que doze... Efectivamente, ouvem-se mais de doze horas na hora da meia-noite. Dir-se-hia mesmo que se ouvem as horas de todo o dia, as vinte e quatro... De ouvido atento, a cada momento, esperamos o silencio... Será agora? Não... Agora?... Não... E' desta vez? Não... Não... Não... A nossa atenção vai-se descolando, os olhos curiosos a puxarem-nos para o que nos rodeia, enquanto a cavalgada das Horas continúa pela estrada do Tempo, heroicamente, á conquista do Infinito.



A ária das doze horas... A Hora-Beethoven a orquestrar a noite... São os relógios das catedrais, das torres, a entoarem no seu metal de voz, grave, sonoro, um coral de Bach profundo, religioso, a penetrar no Além... São os relógios das grandes estações, as gares enlouquecidas (Quai d'Orsay—Coloia), a despacharem apressadamente as doze horas, no ritmo febril, impaciente, excitado, duma rapsodia de Liszt, em labareda...

São os relógios dos cafés, dos restaurantes ruidosos em que os risos se confundem com o tinir das facas, relógios modernos, cosmopolitas, insinuando no clamor sinfónico da turba, melodias agudas de Strawinsky... São os relógios dos velhos palácios, encanecidos no mármore das estatuas dos jardins, entoando timidamente, numa graça antiga de tapete descolorido, minuets pueris de Haydn ou de Mozart...

São os relógios dos teatros, dos circos, dos music-halls, relógios cubistas, irreverentes, que, perante a indiferença do publico, executam na arena do mostrador, piruetas, saltos mortais, esgares, num Scherzo desengonçado de Paul Dukas... São os relógios que pontificam na intimidade, amáveis, burgueses, sorridentes, cujas horas são reticencias a sublinhar o beijo prolongado do casal, num recital leve a evocar o Massenet da Alsacia ou o Charpentier da Louise.

São os relógios das casas pobres, enferrujados, atirando as horas como co-deas de pão, relógios humanos onde Mousorgsky foi encontrar a verdade dos seus «lieder»... São os relógios piedosos das aldeias, rezando, em vão, as doze horas, aquelas doze horas que, nos tempos da Almotolia, eram, pelo menos, doze fantasmas, envolvendo o logarejo supersticioso no lençol alvissimo da Morte...

No scepticismo da electricidade os relógios das aldeias trauteiam hoje, saudosamente, arias de Paganini-o bruxo ou de Berlioz-o reprobado. São, finalmente, os relógios de algibeira, intimos concentrados, relógios onde a melodia se esconde, relógios de alma que só de ouvido ao peito, se lhes pode escutar o coração...

Meia-Noite! Meia-Noite!... A Hora-Apoteose do dia, a Hora final, a Hora-terminus, a Hora da multidão a escoar-se dos teatros, dos cinemas, dos cafés, a regressar, a arrumar-se, á lufa-lufa nas gavetas discretas dessas comodas sem graça a que chamam predios, como soldados de chumbo, ao fim duma campanha infantil, acotovelandose na caixa de madeira quebradiça...

Os carros electricos, amarelos como hospitaes, conduzem constantemente para a doçura dos lares, os corpos fatigados, contagiados pela lepra do dia, o dia empoeirado, venenoso, impudico, desnudando-se

nos corpos das mulheres, em que os vestidos as des-  
pem caindo-lhe quasi aos pés; o dia falso, o dia hipocri-  
ta, em que se deixa pelo caminho um rasto de mas-  
caras rasgadas; o dia sujo, sujo dos jornaes que se  
compram, humidos da tinta com que se pintaram, e da  
poeira, essa poeira misteriosa em que os seres, as  
coisas, as almas, se esfacelam... A Hora da Meia-  
Noite! A ultima pagina do livro que se leu num folego,  
a Hora que, em seu balbuciar, parece pôr ao folhetim  
da vida um eterno «continua»...

## II

*Une heure s'onne  
Personne, personne, personne...*  
SAMAIN

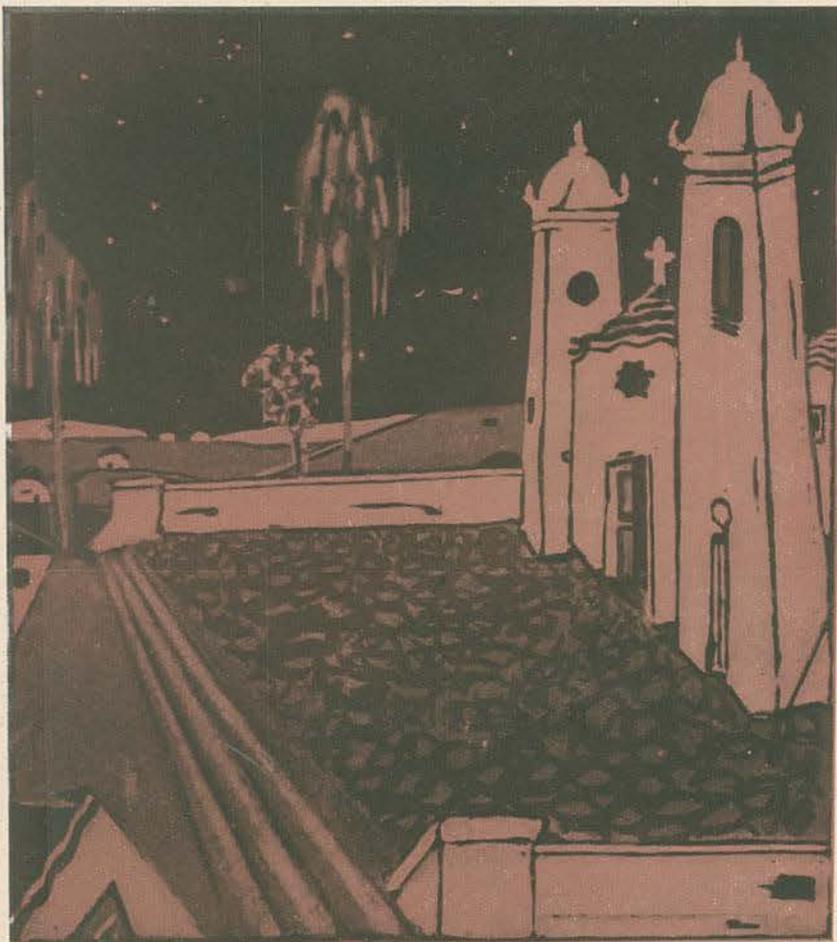
Uma hora da manhã... A Hora que se desprende  
do Tempo, para cair sobre a terra, como uma gota

porque é a unica que não perturba o Silencio, que o  
embeleza mesmo, a Hora-timbre com que Deus o  
chama á terra...

E' a Hora em que recapitulamos o Dia, em que  
escolhemos as horas mais felizes, para as encerrarmos  
religiosamente, no cofre da nossa saudade...

\*

A primeira Hora é uma Hora profanada, desres-  
peitada pelos ultimos carros, pelos teatros que acaba-  
ram tarde, pelo cerrar dos cafés... A cidade prosti-  
tue a primeira Hora, desmancha-a, faz dela a Hora  
cruel em que se arruma o scenario, a Hora dos tai-  
pais, a Hora das coristas que despem, com saudade,  
a luxuria da Seda para se embrulharem novamente  
na mortalha quotidiana com que se sepultam na  
vida... E' uma Hora que não se dá bem na cidade,  
que se confunde, que se perde, na orquestração fri-  
vola da Rua...



perdida do Infinito... A Hora definitiva, a Hora la-  
conica, a Hora que afirma solenemente, a sua perso-  
nalidade, sem exageros, sem a exuberancia meridional  
da meia-noite, nem a nevrose das seis horas da  
tarde—a Hora inquieta, a Hora moderna que faz do  
mundo o grande *Boulevard* cosmopolita..

As horas são as pancadas do coração do mundo  
De todas as pancadas, a Uma Hora da manhã é a  
pancada mais forte, a palpitação mais aguda...

Uma hora da manhã... A Hora-divindade, a Hora  
alada, a Hora-estatueta...

\*

A primeira Hora do Dia é uma Hora sonambula,  
que passa pela Terra, pé ante-pé, recomendando si-  
lencio ás outras horas... E' uma hora que me entris-  
tece, ao ouvi-la sempre sósinha, longe das outras,  
abandonada, isolada, entregue á sua dôr.

E' a Hora mais elegante do Dia, aquela cuja ati-  
tude no mostrador é a duma mulher esguia, hirta, es-  
fingida... E' a Hora divina da minha sensibilidade,

Ela, que na catedral da Natureza é quasi rezada,  
na cidade sôa, timidamente, acanhada, *gauche*, pas-  
sando, por vezes, despercebida... E' uma hora que  
tem o seu simbolo humano naquele ingenuo «Tam-  
bourinare» que Mistral recomendou, certo dia a Al-  
fonse Daudet... Ninguem dá importancia á pobre  
Hora... «Uma Hora, Só? O quê? Vais-te já embora,  
a esta hora?»

\*

A aldeia dorme, aninhada, abrigada no vale, como  
um velho gato ao borralho. A aldeia dorme, sonha...  
Chove oiro, em estrelas... Silencio... Não se ouve um  
passo... No susurro do vento sente-se, apenas, a al-  
deia que dorme, a respirar... Não se ouve um passo?  
Minto... Ouve-se, neste momento, um passo sonoro,  
um passo firme, astral... E' a Hora que passa, a pri-  
meira Hora que regressa aos campos, a Hora melanc-  
olica, solitaria, a Hora maiuscula do Dia...

ANTONIO FERRO

Ilustr. de BERNARDO MARQUES



*Largo de D. Estefania*

## A DESCOBERTA DE LISBOA NO ANO DE 1922 A ESTEFANIA

**L**IMITADO ao norte pela provincia do Arieiro, ao poente pelos desertos ardentes das Avenidas Novas, ao Sul pelos pantanos da Baixa, a Estefania é um paiz neutro que só conhece as revoluções pelos jornaes e

do A. Reis e os fechados do Arco do Cego, vazios quando não são precisos, impene-traveis ás horas das grandes viagens.

Como belezas naturais destacam-se ao «touriste», a floresta negra do jardim D. Estefania, os rios caudalosos no inverno



*Escola de Guerra*

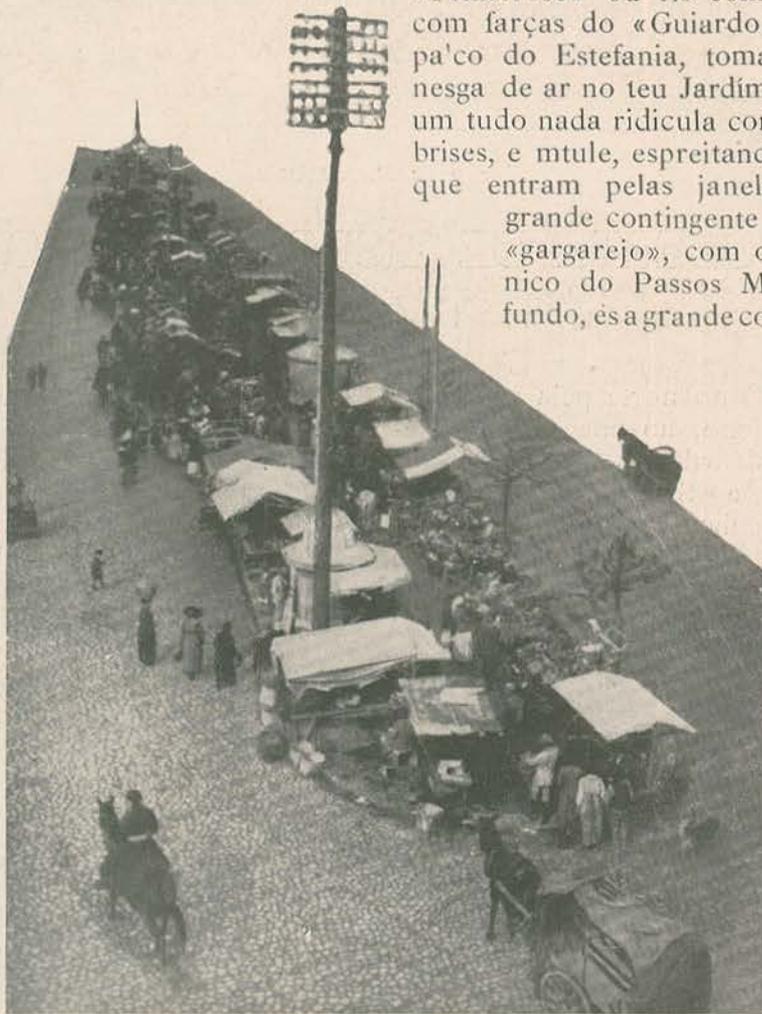
cuja vasta população pacifica anexou ha poucos anos o principado do Almirante Reis e as aguerridas tribus do Alto de Pina.

As suas duas grandes vias de comunicação com o estrangeiro são os atrelados

do Regueirão dos Anjos. Militarmente defendida por mil homens no Cabeço de Bola, é um grande centro artistico da Europa pela acção predominante do teatro Salão dos Anjos e do Club Estefania A grande

industria da Estefania, é a da cêra — grande numero dos seus habitantes são empregados publicos — fabricando tambem bastantes divorcios, e o exclusivo dos cadetes na Escola Militar situada nos confins da Estefania, na fronteira do reino do Gomes Freire. O seu mercado é ao ar livre, os seus males recolhem-se no Hospital da Estefania, caza-se na risonha capelinha dos Anjos e abriga quantos para a Eternidade, com bela vista para o mar, ao Alto de S. João.

Dentre a Flora desta pujante região, encontram-se em abundancia as «mangas»... de alpaca, as «peras» da junta da paróquia, os «espinafres» dos 3.<sup>os</sup> andares da R. José Estevam; o «milho» abunda pela R. Pascoal de Melo, e «jinjas» encontram-se pela Rua Açores. Em compensação, na parte zoológica, é uma região onde não ha «pégas», nem «borbolêtas»; as «perdizes» foram tantas que se acabou o Teatro Moderno, e os animaes ferozes só aparecem á noite nas Pensões particulares. Gente inventiva, descobriu a forma de viver sem agua no verão, e ilumina as ruas á luz electrica do luar. A Estefania, cuja historia remonta a D. Fernando, fundada por algumas tribus que aqui vinham passar a estação calmosa ha-de ainda um dia influenciar gravemente com a marcha das civilizações...



O mercado na Avenida Casal Ribeiro

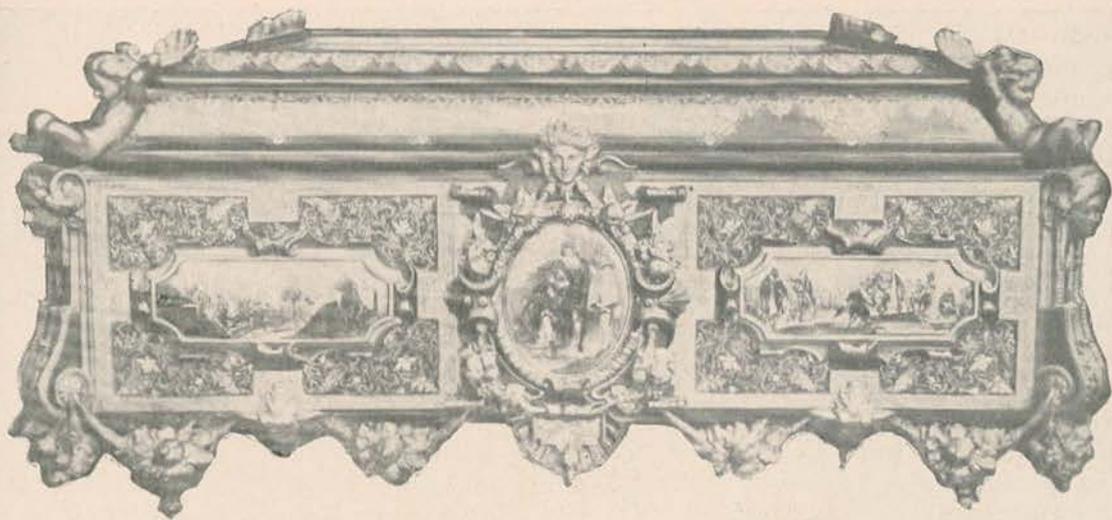
\*  
Não brinco mais, não, minha simpática Estefania, tão melancolica, sempre as palpebras fechadas, deserta, porque dás o teu melhor sangue para a vida que se multiplica, consome, lá em baixo; és a propria resignação, a tranquilidade em pedra e cal. Sofres as ditaduras do Terreiro do Paço, inocentemente te sensibilisas com o «Primerôse» ou ris como riem os bons com farças do «Guiardo» no minusculo pa'co do Estefania, tomas uma infezada nesga de ar no teu Jardim amortecido, és um tudo nada ridicula com as tuas «brise-brises, e mtule, espreitando sobre arvores que entram pelas janelas, com o teu grande contingente de namoros em «gargarejo», com o teu ar natalinico do Passos Manuel, mas, no fundo, és a grande colmeia dos traba-

lhadores resignados, semiburguezes, e que todas as manhãs exportas para a cidade, enquanto lá de baixo só te enviam o carteiro, as peixeiras, os garotos dos jornaes, o recebedor da Companhia das Aguas a quota do monte-pio... São os chefes da repartição, as professoras de piano, os empre-

gados dos bancos, as dactilografas, os donos das lojas de chá, os medicos no inicio da carreira, todos acarinhando um sonho, não uma grande ambição, mas um pequeno ideal, que póde ser respectivamente a pensão, um cavalheiro respeitavel, uma amante cára, uma pele de rapoza, um «chalet» em Cai-Agua, uma taboleta, limitados vôos dos pequenos pardaes do meu socegado bairro.

ARMANDO FERREIRA

(Clichés Salgado)

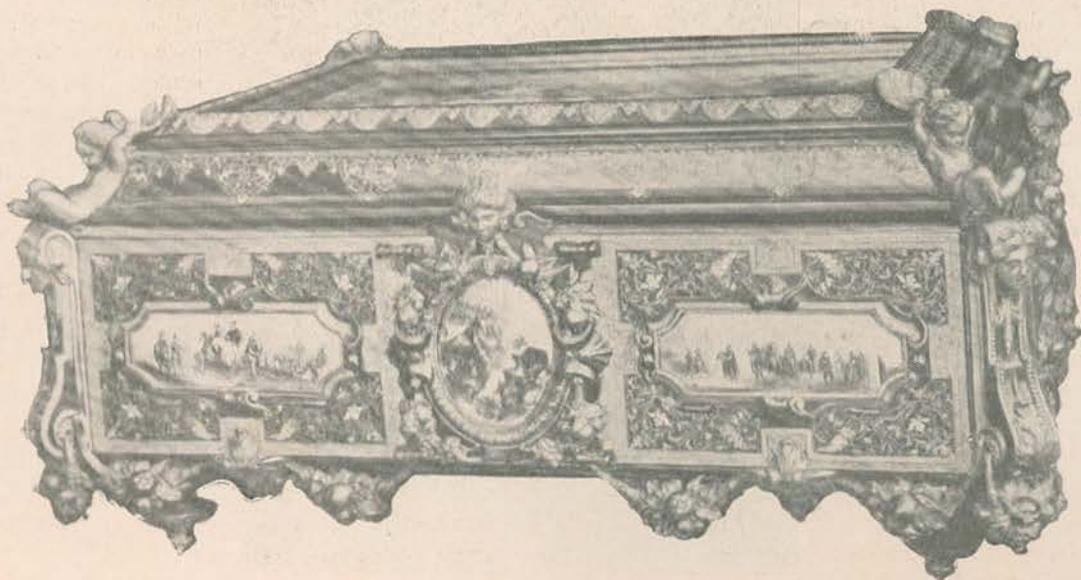


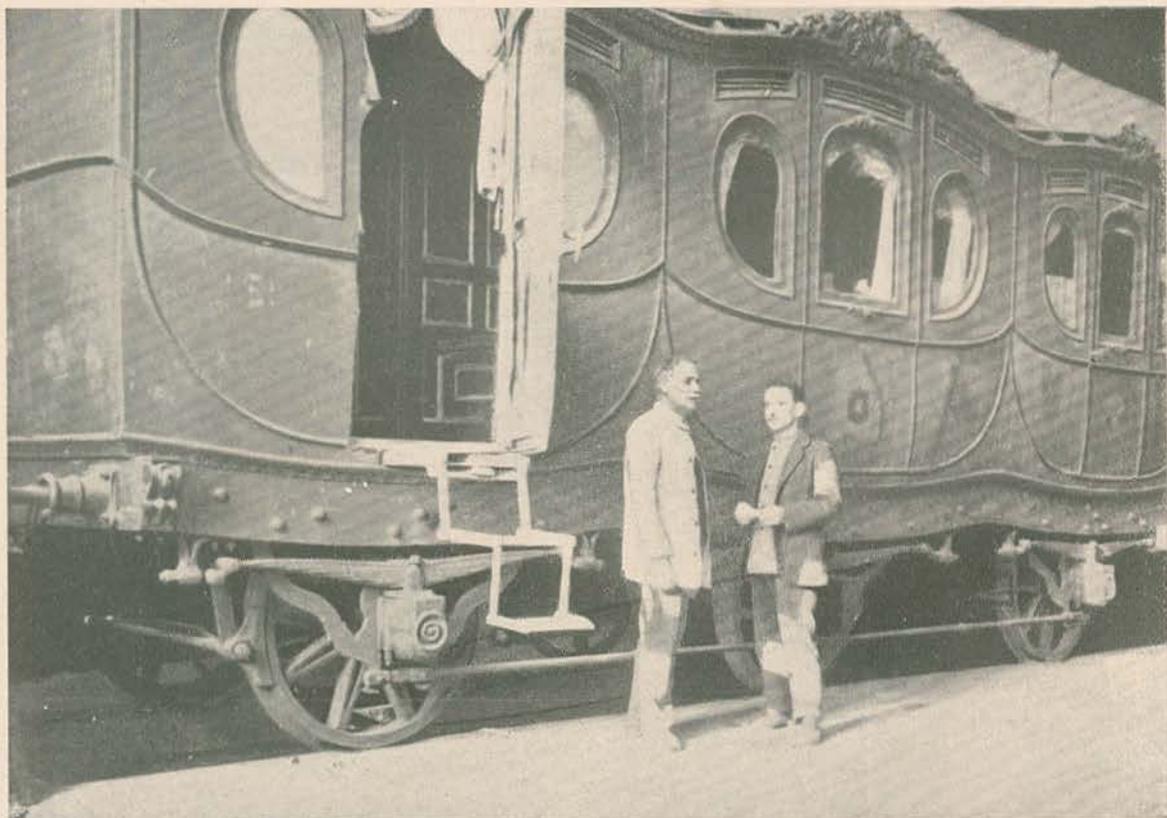
Este cofre precioso oferecido por Napoleão III a Earl of Granville é pretença de um dos amigos mais dedicados d'este *magazine*. Trata-se duma preciosidade, duma autentica peça de museu. O cofre tem admiraveis pinturas de Fra-



gonnard como se pode avaliar pela tampa reproduzida. O cofre é autenticado por documento por sua vez valioso. A tampa de Fragonnard representa o pintor Rubens fazendo o retrato de Catarina de Medicis.

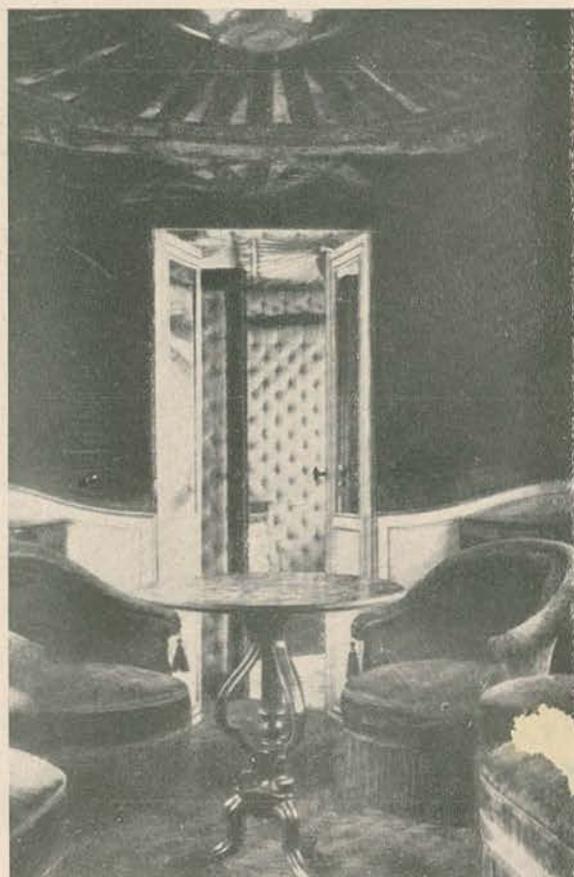
*A tampa do cofre raro. Rubens fazendo o retrato de Catarina de Medicis (Fragonnard)*





## UM WAGON NUM MUSEU . . .

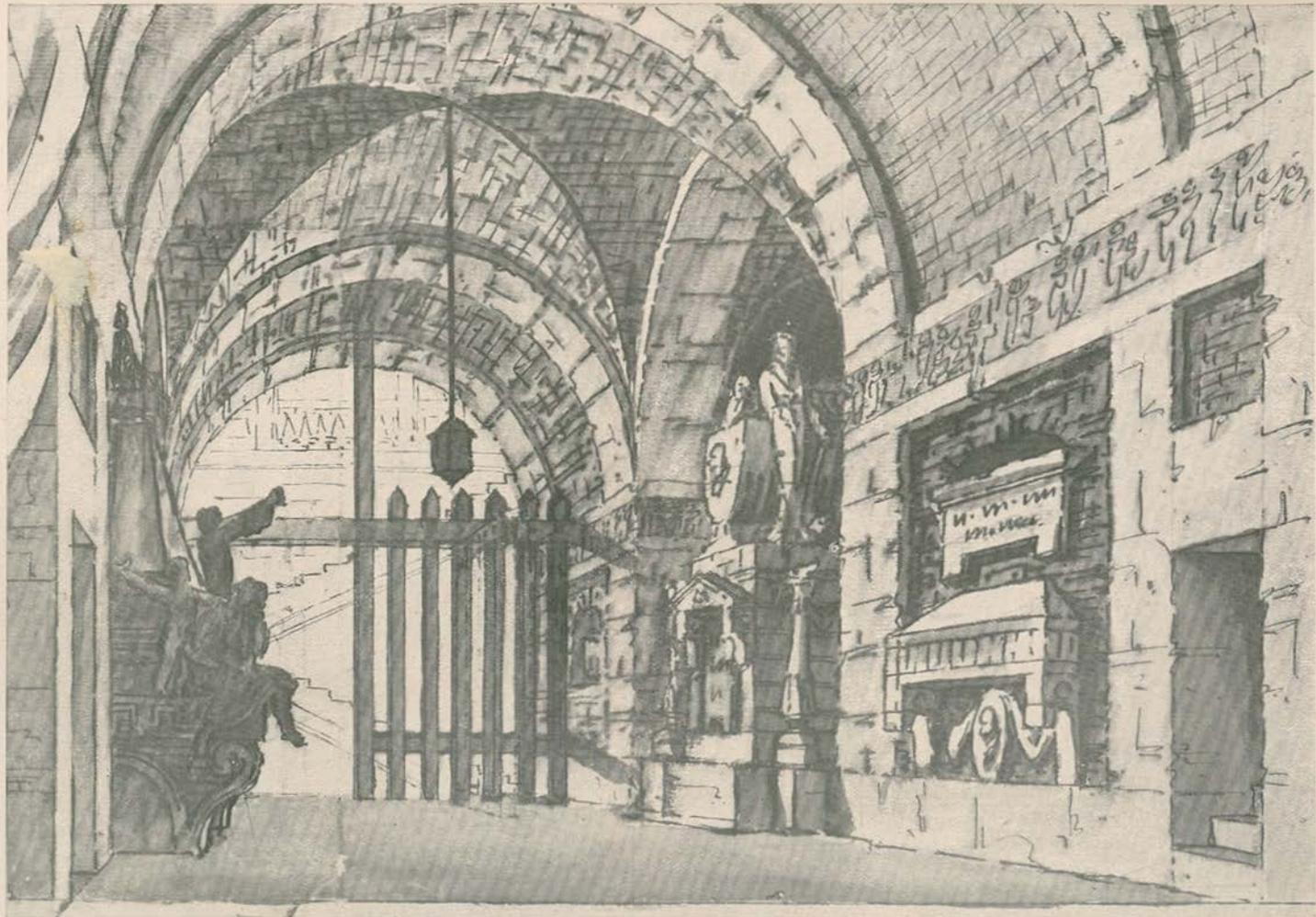
**P**OR ocasião da visita do Senhor Ministro do Trabalho às oficinas do Barreiro, descobriu-se um *wagon* oferecido pelo rei Victor Manuel ao rei D. Carlos. Este *wagon*, que é uma obra prima de bom gosto e de comodidade, está completamente abando-



nado. A sua descoberta foi uma surpresa. Entre os varios alvitre apresentados para a utilização do *wagon*, houve alguém que lembrou que fizesse a ultima viagem para um museu... Um *wagon* de Caminho de Ferro num museu...

E' esta a melhor imagem da nossa vida parada.

*O interior do «wagon»*



«Maquette» dum cenário atribuído ao pintor Juan Chiari que no começo do Século XIX veio para Portugal, trabalhando nos nossos teatros, especialmente no Teatro da Rua dos Condes e mais tarde no de D. Maria



*No regresso do Presídio. O sr. Gomes da Costa no Terreiro do Paço, conversando com um oficial*



*Na Estação do Rocio. O sr. Cardeal Patriarca minutos antes da sua partida para Roma*

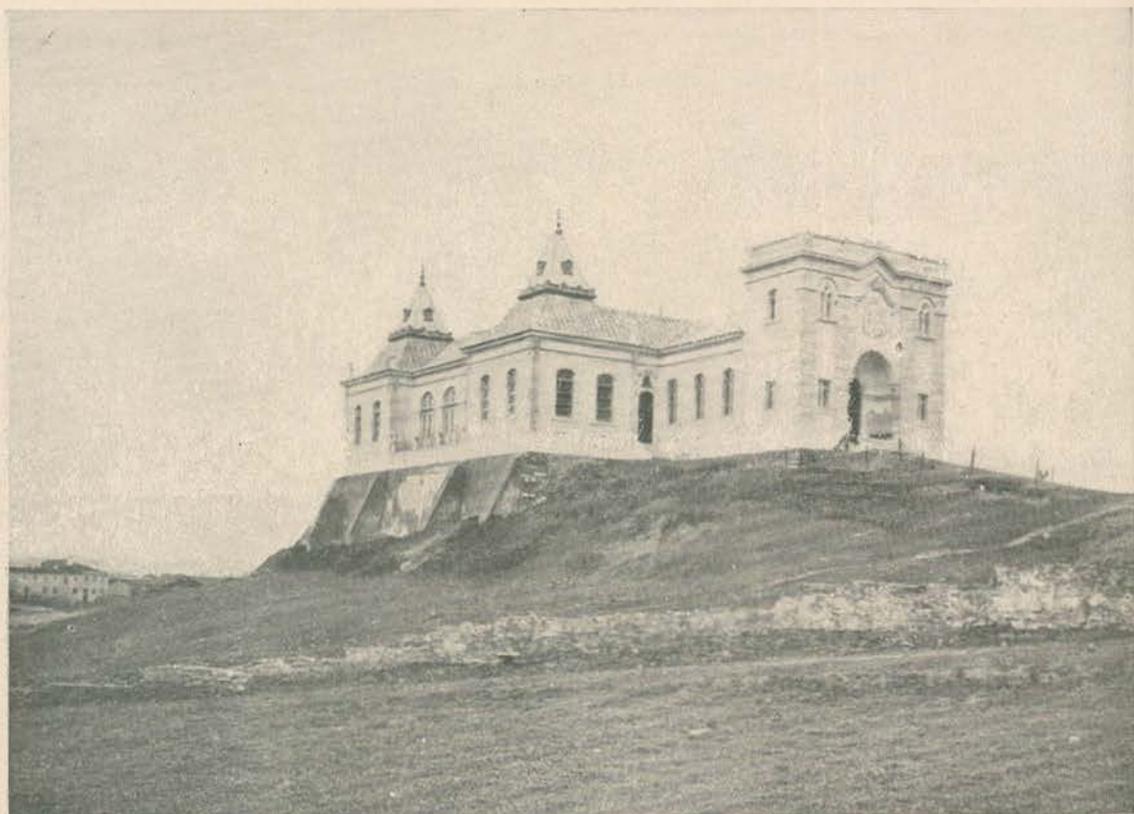
## AS ELEIÇÕES EM LISBOA



*Numa assembleia — Enquanto alguns cidadãos contam votos, outros pousam para a historia*



*Na assembleia dos Martires — Os eleitores seguem os trabalhos com a maior atenção*



«Crèche» do Alto do Pina



No Lactario a Santa Apolonia — Um interessante grupo de mães

## O passado, o presente e o futuro

Revelado pela mais celebre chiromante e fisionomista da Europa

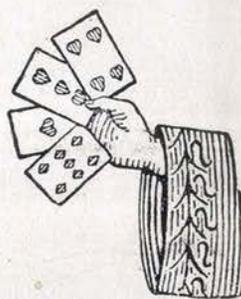
### Madame Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e hiziologia e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, Inglez, alemão, italiano e hespanhol. Dá consultas todos os dias uteis.

das 11 da manhã ás 7 da tarde em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 42 sobre-  
-to) — 11c



## M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VINCENTE



Tudo esclarece no passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.

Consultas todos os dias uteis das 12 ás 22 horas e por correspondencia. Enviar 50 centavos para resposta.

Calçada da Patriarcal, n.º 2, 1.ª Esq. (Cimo da rua d'Alegria, prédio esquina).

Ver, quarta-feira, o

Suplemento de MODAS & BORDADOS DO "SEculo"

reco 20 centavo

## Alfaiataria Cabral

DE  
Manuel A. Cabral & C.ª

Fazendas de novidade para verão.  
Confecções para homens e senhoras

R. do Ouro, 170, 1.º  
Telef. C. 3060 — LISBOA

## CREME AU ROSE BLANCHE

VENDE-SE EM TODAS AS PERFUMARIAS, FARMACIAS E DROGARIAS

DEPOSITO GERAL  
Fernandes, Almeida & C.ª L.ª

R DO LARGO DO CORPO SANTO. 10. 1.º — LISBOA



**TONICO FORMIOL MUSCULAR**  
(REGISTADO)  
MEDICAMENTO DE EXITO NOTAVEL

Na cura da fraqueza geral, fraqueza cerebral, fraqueza genital, neurastenia, anemia, tuberculose, doenças do coração e pulmões, afecções nervosas, suores noturnos, prostração física, menstruações irregulares, perdas seminaes, escrofulas, linfatismo, falta de appetite, palidez, hemorragias, afecções osseas, raquitismo, digestões laboriosas, prisão de ventre e fraqueza senil. Rapido e energico. Tónico por excelencia do sistema nervoso e muscular, aumentando sempre a resistencia á fadiga derivada do esforço muscular prolongado, quintuplicando as forças e evitando a pobreza fisiologica, traduzindo-se o seu efeito por um aumento de peso e das forças. As pessoas que habitam nos climas quentes e as que se dedicam ao esporte tem absoluta necessidade de fazer uso do «Formiol», com o fim de evitar o exgotamento fisico derivado do excesso do clima e do abuso das forças.

Este medicamento tem sido experimentado por varias sumidades medicas e doentes (como podemos provar) obtendo sempre otimos resultados. Não tem dieta. A venda em todas as farmacias e drogarias. Preço 4\$00. Correo, até dois frascos, mais 50 centavos. Deposito geral: Farmacia Albano, rua da Escola Politecnica, 59, Lisboa. Depositarios em Lisboa: Farmacia Barral, rua do Ouro, 128; Estacio, Rocio, 60; Azevedo, Rocio, 31; Pimentel & Quintans, rua da Prata, 196. Porto: Farmacia Birra, Praça da Liberdade, 124. Santarem: Farmacia Bastos, R. da Misericordia, 121. Setubal: Farmacia Oliveira, R. da Misericordia, 14. Evora: Farm. Ferro, R. João de Deus, 33. Faro: Bandeira & C.ª rua de Santo Antonio, 50. Africa Occidental: S. Tomé, José Pedro da Fonseca, rua General Calheiros. Benguela: Farmacia Continental. Loanda: Serra, Annes & Irmão.

PROVAMOS COM ATESIAADOS MEDICOS

## Companhia de Seguros GARANTIA

Fundada em 1853 — Sede no rúa

«Edificio proprio»

Sinistros pagos até 31 de Maio 1921 — Esc. 7.972:798\$76

**CAPITAL MIL CONTOS**  
(Inteiramente realizado)

Effectua seguros terrestres, agricola industriaes, de automoveis, trespasses, maritimos e de minas.

**SEGUROS DE VIDA.**

AGENTES:

**José Henriques Tota, Ltd.**

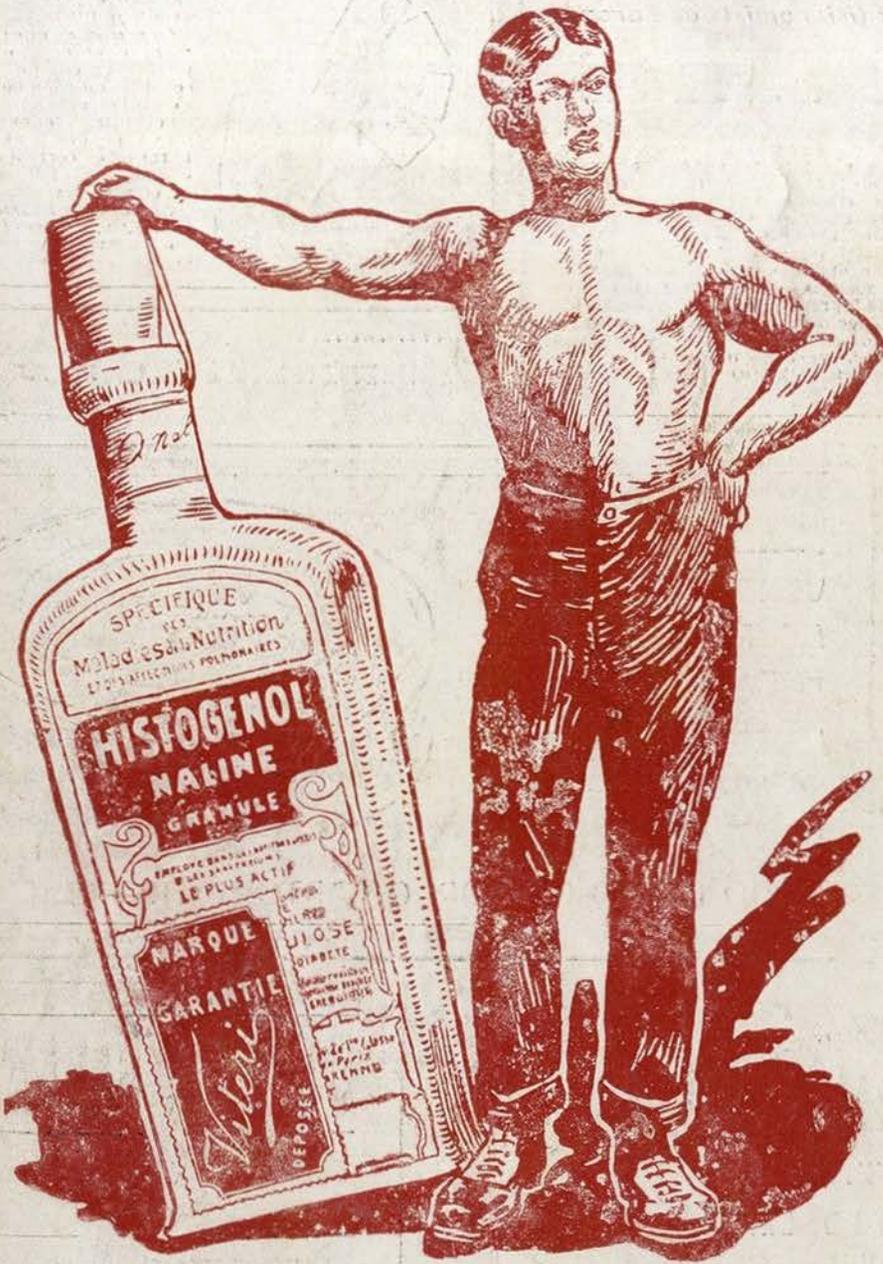
BANQUEIROS

Teleph. 533 e 1.589 centros

T I S E C A

Já está á venda o "Almanaque Ilustrado do SEculo"

# TUBERCULOSE



CANCRO, anemia, FLORES BRANCAS, linfatismo, RAQUITISMO, escrofulas, CRESCIMENTO IRREGULAR, fastio, AZIA, magreza, PALIDEZ, debilidade, PROSTRAÇÃO FISICA, fadiga cerebral, doerças mentais, insonia, neurastenia, asma, bronquites crónicas, gripe, paludismo, diabetes, suores nocturnos, perdas seminais, convalescença, escarros espessos, febres, falta de regularidade nas menstruações e em geral todos os casos contra que se empregava até agora o HISTOGENE, as emulsões, o ferro, as pastilhas para gente palida, kolas, glicerosfosfatos, etc.

**CURAM-SE RAPIDAMENTE**

COM O

## HISTOGENOL NALINE

Com o selo **VITERI**

(O antigo HISTOGENE aperfeiçoado pelo dr. A. Muneyrat, da Academia de Paris)

em qualquer das fórmulas: ELIXIR GRANULADO ou AMPOLAS. Póde usar-se com proveito em qualquer epoca do ano. SALVO INDICAÇÃO MEDICA. USE DE PREFERENCIA O ELIXIR, que é a fórmula mais energica.

O vosso medico vos dirá

que

!!! é o melhor

revigorador

conhecido!!!

**Toda a gente tem um parente ou amigo que se curou**

com este prodigioso CRIADOR DE SANGUE E DE MUSCULOS, o unico que foi objecto de CINCO COMUNICAÇÕES A INSTITUTOS SCIENTIFICOS DE FRANÇA e entre elas serviu de tése em 2 actos de formatura.

Sempre que se precise preparar o organismo para resistir sem definhamento a marchas fatigantes, treinos de sports violentos, longo estacionamento em locais inconfortaveis ou insalubres e climas adversos, ou onde se fique exposto a repetidos abalos ou a uma alimentação irregular, deve-se usar o HISTOGENOL NALINE COM SELO VITERI em doses intensivas.

Sempre se procurou e em toda a parte imitar ou falsificar o HISTOGENOL NALINE COM SELO VITERI. Nome, rotulo e aspecto andam imitados em preparados que as analyses apresentam como inquinados de perigosos microbios. Na impossibilidade de analisar todos os frascos de origem duvidosa, só considero verdadeiro para a venda em Portugal e Colonias o que tiver bem visivel ao exterior da caixa o selo dos concessionarios para Portugal e Colonias, com a palavra—VITERI—a vermelho sobre preto. Recusar o que pretendam vender sem essa garantia e pedir, entre outros, nos seguintes locais:

Farmacia Estacio, ROCIO; Farmacia Barral, RUA AUREA, 126; Azevedos, ROCIO; Drogaria Açoreana, RUA DA PRATA, 99; Farmacia Avelar, RUA AUGUSTA, 225; Farmacia Teixeira Lopes, RUA AUREA, ou ao Depósito Central: **Vicente Ribeiro & C.<sup>a</sup>**, rua dos Fanqueiros, 84, 1.<sup>o</sup>

Frasco para 20 dias 16\$00

» » 10 » 8\$00

Para fóra de Lisboa,  
mais as despesas  
de correio e cobrança